



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA

Roberto Marcelino dos Santos

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO
DE CONHECIMENTOS INDIGENAS NA ESCOLA DA ALDEIA AÇAIZAL,
OIAPOQUE/AP.

Oiapoque
2018

Roberto Marcelino dos Santos

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO
DE CONHECIMENTOS INDÍGENAS NA ESCOLA DA ALDEIA AÇAIZAL,
OIAPOQUE/AP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Amapá como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura Intercultural Indígena

Orientador: Prof. Vinícius Cosmos Benvegnú

Oiapoque

2018

Roberto Marcelino dos Santos

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO
DE CONHECIMENTOS INDÍGENAS NA ESCOLA DA ALDEIA AÇAIZAL,
OIAPOQUE/AP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Amapá como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura Intercultural Indígena

Avaliado por:

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado e por me dar a oportunidade de concluir este trabalho.

Agradeço a minha família: Pai, Mãe e Irmãos, pelo companheirismo, compreensão e por acreditarem no meu potencial, obrigado por estarem sempre presente nos momentos difíceis.

Agradeço a todos os amigos e colegas que fizeram parte desta jornada, dando-me a oportunidade de conhecer e compartilhar experiências inacreditáveis.

Agradeço a todos os professores do Colegiado de Licenciatura Intercultural Indígena, que durante o curso contribuíram na expansão de novos horizontes do conhecimento científico, em especial ao professor Vinicius Cosmos que me aceitou como seu orientando e sempre me deu forças para continuar a lutar pelos meus ideais.

A todos meus sinceros agradecimentos!

HESUM

Sa thavai-la ka fe pedas dji mo thavai dji kōklusiã dji kus ã licenciatura intercultural (êdiê) indígena e gãie kumã objetiv dji aphuezâte um phojet healize la lekol. Edjiê Esctadual sã sebaxtiõ, localize la komunte êdjiê Vasezal dji pov karipun, la late edjiê Uaçá, município dji Oiapok, Estad dji Amapá, kom mef lekol ê djiê. Sã phojet âcohad kã no ize plã dji medicin lãdã koze no konetmã dji thadjisiõ djimo pov. Finî dji êtxupe ke alun dji vale dji no konetmã êdjê. Lãdã perpektiv dji kōphan kumã np ka ize plã-iela dji medicin lãdã lavo dji kômunte i kontmã ki ka êvolve no, phomet sa phojet ki ka duhe thoa ânê, ke alun dji 5° ânê. Phomiê plas no healize um katalog dji plã-iela dji medicin ki ize pu komunte. Ævã no kúmase ke um txi plãtasiõ, ke no aple dji farmácia natural komunte-la participe ase ie pote uot kalit dji plã dji uot lokalizasiõ dji kote-la ki deie akōsa ke divehsidade dji phojet no fé um magazê dji plã-iela medicino. Ki ale healize lãdã ghã kaz dji komunte-la. Alun –iela phuezâte plã pu hemed, i um sihie dji boku xá, suk, ghen i out buesõ phuepahi ké plã-iela ka explique pukisa ka siavi, dji out maiê kumã no ka fe. As phojet bai jis dji vue pu xãje konetmã ât mun ki konet ielo, lãdã tut kumunit-iela puve voie i gade i bai vale pu no mios lãdã komunte dji vasezal.

PALAVRAS-CHAVE: Licenciatura êdiê. Plã dji medicin. Konetmã. Oiapok.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é parte integrante do curso em Licenciatura Intercultural Indígena e tem como objetivo apresentar um projeto realizado na Escola Indígena Estadual São Sebastião, situada na Aldeia Indígena Açaizal, da Etnia Karipuna, na Terra Indígena Uaçá, Município de Oiapoque, Estado do Amapá, enquanto professor indígena. O projeto esteve ancorado no uso de plantas medicinais em diálogo com os conhecimentos tradicionais de meu povo, a fim de sensibilizar os alunos do valor de nossos conhecimentos indígenas. Na perspectiva de compreender o uso das plantas medicinais na vida da comunidade e os conhecimentos envolvidos, propomos este projeto com duração de 3 anos, com alunos do 5º ano da escola São Sebastião do Açaizal, localidade e comunidade da referida escola. Primeiramente realizamos uma catalogação das plantas medicinais usadas pela comunidade. Posteriormente foi construída uma pequena horta, denominada “Farmácia Natural”. A comunidade também participou ativamente, trazendo espécies de locais mais distantes da aldeia contribuindo assim com a diversidade de plantas medicinais. Ao final do projeto elaboramos uma feira de plantas medicinais, que foi realizada no centro comunitário da aldeia. Os estudantes expuseram as plantas medicinais e uma série de chás, sucos, sementes, e outras bebidas feitas com plantas medicinais explicando para que servem e o modo como deve ser preparado. Este projeto culminou em uma verdadeira troca de saberes entre os educandos, comunidade em geral e educador, onde, dessa forma, os estudantes puderam vivenciar experiências proporcionando um novo olhar acerca da valorização da cultura e saber indígenas da aldeia Açaizal.

PALAVRAS-CHAVES: Licenciatura Indígena; Plantas Medicinais; Conhecimentos; Oiapoque.

RESUMÉ

Ce travail fait partie de mon travail de cours sur le degré indigène interculturelle et vise à présenter un projet réalisé à l'école indigène d'État de San Sebastian, situé dans le village indien Açaizal, l'appartenance ethnique Karipuna, indigène UACA, municipalité de Oiapoque, état d'Amapá, en tant que professeur autochtone. Le projet était ancré dans l'utilisation de plantes médicinales en dialogue avec les connaissances traditionnelles de mon peuple, afin de sensibiliser les étudiants à la valeur de nos connaissances indigènes. Dans la perspective de comprendre l'utilisation des plantes médicinales dans la vie de la communauté et les connaissances impliquées, nous proposons ce projet d'une durée de 3 ans, avec des élèves de 5^{ème} année. Dans la première année 2013, les étudiants ont effectué une recherche pour connaître les plantes médicinales existant dans la région et plus tard a été construit un petit potager, appelé "Natural Pharmacy". La communauté a également participé activement, en apportant des espèces provenant des endroits les plus éloignés du village contribuant ainsi à la diversité des plantes médicinales. En 2014, encore une fois avec l'aide de la communauté, les étudiants sont entrés dans le projet catalogués les plantes de « Natural Pharmacy », puis a mené une nouvelle enquête pour connaître le but de chaque plante, qui a été utilisé et à quelle fréquence il a été utilisé dans la communauté. En 2015, nous avons développé un atelier à base de plantes utilisant la « Pharmacie naturelle », qui s'est tenue au centre communautaire du village. Les élèves exposés plantes médicinales et une gamme de thés, jus de fruits, de graines et d'autres boissons à base de plantes médicinales expliquant ce qu'ils étaient et comment ils doivent être préparés. Ce projet a abouti à un véritable échange de connaissances entre les élèves, la communauté en général et éducateur, où cette façon, les élèves peuvent vivre des expériences offrant une nouvelle perspective sur la valeur de la culture et de la connaissance indigène du village Açaizal.

MOTS-CLÉS: baccalauréat autochtone; Plantes médicinales; Connaissance; Oiapoque.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	9
2. INTRODUÇÃO.....	9
3. A ALDEIA INDÍGENA AÇAIZAL	13
4. A ESCOLA INDÍGENA SÃO SEBASTIÃO DO AÇAIZAL	13
5. AS PLANTAS MEDICINAIS E A ESCOLA, UM RELATO	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
7. REFERÊNCIAS	21

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de contar minha experiência pedagógica com as plantas medicinais como instrumento de valorização da cultura e do povo indígena Karipuna da Aldeia Açaizal. Sou indígena Karipuna da aldeia indígena Açaizal, mas desde os 10 anos de idade, vivo com minha família em Oiapoque onde cresci. Antes de cursar a Licenciatura Intercultural Indígena, conclui o curso de Pedagogia no ano de 2004. Esta formação possibilitou que eu ingressasse na docência no ensino básico. Tornei-me professor do ensino fundamental no ano de 2009, minha experiência profissional iniciou em escolas da Zona Urbana de Oiapoque e em meados de 2012 por motivos de buscar conhecimentos sobre meu próprio povo solicitei transferência para escolas indígenas, primeiramente tive a oportunidade de trabalhar na Escola Indígena Felipe Gabriel na Aldeia Sumaúma localizada na BR 156 km 83. Após 03 anos fui remanejado para a Aldeia Indígena Açaizal.

No ano de 2013 fui aprovado no processo seletivo da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional de Oiapoque, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII). Ao iniciar os estudos na universidade pude compreender a importância de nossa cultura indígena e a valorização da mesma. Dessa forma iniciei meu projeto de pesquisa, onde as atividades foram realizadas no período de 2013 a 2015, e contou com a participação dos estudantes do 5º ano da Escola Estadual São Sebastião do Açaizal, Município de Oiapoque-AP. Na proposta pedagógica foi desenvolvida uma horta medicinal no ambiente da instituição. Tal proposta objetivou aproximar os conhecimentos, sobre as espécies de plantas medicinais utilizadas pela comunidade, difundindo os saberes entre seus membros no âmbito escolar. A prática pedagógica desenvolvida atuou como parte integradora entre os estudantes, sobre a importância das plantas medicinais no seu cotidiano, permitindo a contextualização do tema e ampliação de seus saberes, além de contribuir para o fortalecimento de nossa cultura, onde os mesmos receberam o projeto com entusiasmo e afinco, interagindo constantemente.

2. INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais como medicamento para cuidar de nossa saúde é muito antigo. Sabemos que os povos indígenas e outras populações tradicionais, como ribeirinhos, quilombolas etc., conhecem um grande número de espécies de plantas para o tratamento de enfermidades que ocorrem em seus cotidianos. Os indígenas mantêm

boa relação com a natureza, pois é dela que tiram o sustento de suas famílias e consequentemente sua sobrevivência, por isso há um grande respeito e cuidado nesta relação.

Os povos indígenas sempre buscaram a cura de suas doenças nas matas. Esse saber advém dos conhecimentos de nossos antepassados, que são ensinados de geração para geração, mostrando onde coletar e como utilizar cada espécie de planta para cada doença. Após um maior contato, com os não índios, houve várias mudanças em nossas culturas, uma delas é que o indígena deixou de usar as plantas medicinais para tratar suas enfermidades e passou a utilizar os medicamentos de laboratórios, encontrados em farmácias, hospitais e postos médicos.

Antigamente durante minha infância, nos anos 80, na Aldeia Açaizal não havia posto de saúde e se deslocar até Oiapoque era muito difícil, então os anciões sempre contavam para os mais novos todos os ensinamentos da natureza, diziam o que era cada planta, para que servia, como se fazia o seu uso e onde era encontrada. Porém, com o contato com a cultura dos não índios muitos desses conhecimentos foram perdidos, pois os que sabiam de muitas coisas que poderiam ser utilizadas no tratamento de doenças já morreram e não repassaram para outra geração. Por exemplo, antigamente os homens usavam plantas medicinais antes de ir pescar, caçar, ou até mesmo namorar, era o Pajé quem fazia a maioria dos remédios para os homens, que na maioria eram banhos e defumação. Além desses remédios também serem usados para proteger eles de seres da mata.

Com a chegada do posto de saúde na aldeia muito deixaram de usar as plantas, flores, árvores, raízes e frutas nos tratamentos de enfermidades. Agora a comunidade prefere ir ao posto médico do que ir até a mata tirar material para fazer o remédio. Atualmente tudo mudou, tem-se uma gripe, uma diarreia ou dor de cabeça, corre-se para o posto médico. Até a *caferana*¹ – que era muito utilizada no combate à malária – a comunidade deixou de usar, e dizem os mais velhos que quem tomava caferana quando estava com malária, nunca mais pegava a doença. E era verdade! Agora toma-se um monte de remédios para curar a malária, mas fica-se fraco, de cama e sem vontade de comer e ainda custa ficar bem de saúde porque não se toma a medicação corretamente. O respeito e as normas que se tinham com os remédios feitos de plantas medicinais ajudavam a combater as doenças. Hoje enfrentamos novos desafios, o de ficar doente e

¹ Planta medicinal muito conhecida entre os povos indígenas de Oiapoque no combate à malária.

não haver remédio no posto e ter que enviar o enfermo para a cidade para tratamento, porque muitos já não conhecem a medicina indígena e ficamos dependentes dos remédios industriais.

Nesse momento em que se busca valorizar os conhecimentos indígenas perante a sociedade brasileira é preciso repensar certos valores culturais, sociais e morais. Nesse sentido, a Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada deve desempenhar importante papel para repensarmos essas mudanças. Sabemos que o modelo educacional escolar padrão, da escola não indígena tem como objetivo formar cidadãos capacitados para “mover-se” de acordo com as referências da sociedade brasileira. Contudo, é sabido que este modelo foi forjado na homogeneização das diversidades, universalização de um padrão de educação, bem como numa estrutura física materializada na sala de aula e na educação escrita. Quando nos voltamos para os povos indígenas no Brasil fica evidente que nesses mais de quinhentos anos de contato, somente após a Constituição Federal de 1988 foi dado aos indígenas protagonismo para pensarmos nossos próprios modelos escolares. Conforme o Parecer nº 14 do Conselho Nacional de Educação de 1999.

A introdução da escola para povos indígenas é concomitante ao início do processo de colonização do país. Num primeiro momento, a escola foi o instrumento privilegiado para a catequese, depois para formar mão-de-obra e por fim para incorporar os índios definitivamente à nação, como trabalhadores nacionais, desprovidos de atributos étnicos ou culturais. A idéia da integração firmou-se na política indigenista brasileira desde o período colonial até o final dos anos 80. A política integracionista começava por reconhecer a diversidade das sociedades indígenas que havia no país, mas apontava como ponto de chegada o fim dessa diversidade. Toda diferenciação étnica seria anulada ao se incorporarem os índios à sociedade nacional. Ao tornarem-se brasileiros, tinham que abandonar sua própria identidade.

Em contra-partida a educação indígena é estruturada de forma completamente oposta. Quando pequenos, nós aprendemos com nossos pais e avós no cotidiano. É pescando na canoa que nos são passados os conhecimentos sobre rios e peixes. É brincando enquanto nossos velhos fazem a roça que nos é ensinado sobre nossa alimentação, entre outros. Esses ensinamentos nos são passados essencialmente através da oralidade, porém o silêncio e a observação também são formas de apre(e)nder.

Sendo assim, para nós indígenas, a escola não é o espaço único de aprendizagem. Cada povo tem sua forma própria de educar seus filhos. É um processo que envolve aspectos como tempo, língua, forma de organização social, lugar

específico, entre outros. Os povos indígenas mantêm vivas as suas formas de educação, que são jeitos próprios de aprender e ensinar, valorizando a cultura, transmitindo para seus filhos o que aprenderam com seus antepassados, configurando-se em uma ação pedagógica. Essas pedagogias indígenas, contribuem na formação de uma política e prática educacional adequada, capaz de atender aos interesses, anseios e necessidades dos povos indígenas, que hoje assumem e reivindicam o processo escolar como um espaço que colabore nas suas lutas e projetos próprios.

A Educação Indígena Específica e Diferenciada parte do pressuposto de que os indígenas têm pedagogias próprias e são de grande valor para nortear e orientar os trabalhos escolares. Os métodos próprios de aprendizagem dos povos indígenas devem nortear a educação escolar, enquanto um novo espaço educativo, fazendo dialogar esses dois modelos educacionais. Novamente o Parecer nº 14 afirma:

A escola entre grupos indígenas ganhou um novo significado e um novo sentido, como meio para garantir acesso a conhecimentos gerais, sem precisar negar as especificidades culturais e a identidade daqueles grupos, praticando a interculturalidade e o bilinguismo e adequando-se ao projeto de futuro daqueles grupos. (PARECER nº 14, CNE, 1999)

Sendo assim, a escola indígena como espaço de aprendizagem, deve mediar e buscar compartilhar os conhecimentos indígenas e os conteúdos previstos na educação escolar padrão, tendo o professor indígena um papel fundamental nesse processo, como mediador desses conhecimentos. Esse diálogo de conhecimentos e saberes pode ser visto na experiência acerca das plantas medicinais, apresentada aqui, como instrumento pedagógico de valorização de saberes indígenas.

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais. (RCNEI P. 20, 1988)

Dessa forma este trabalho é o compartilhamento e a valorização dos saberes indígenas no que diz respeito às plantas medicinais, mostrando para os estudantes da Escola Estadual São Sebastião, na Aldeia Açaizal a importância de conhecer e aprender a utilizar as plantas medicinais em certas enfermidades. Através de diálogos, conversa informal e aplicação de questionários realizados com a comunidade indígena do Açaizal, busquei juntamente com 13 estudantes do 5º ano do ensino fundamental, realizar uma pesquisa prévia sobre o conhecimento das plantas medicinais, visando a

valorização da nossa cultura indígena, registrando assim nossos saberes através de um catálogo deixado na escola e para a comunidade local.

3. A ALDEIA INDÍGENA AÇAIZAL

A aldeia Açaizal está localizada no baixo Rio Curipi, na sua margem esquerda na Terra Indígena Uaçá, Município de Oiapoque, Amapá, Brasil. Trata-se de uma das maiores aldeias indígenas da etnia Karipuna, onde atualmente vivem cerca de 40 famílias na comunidade. As principais fontes de subsistência, assim como o regime alimentar dos Karipuna em geral, consistem na pesca, na caça e na colheita de frutos, principalmente do Açaí². A agricultura representa a parte primordial da subsistência, sendo a farinha de mandioca seu principal produto para a venda nos mercados locais de Oiapoque. Além da comercialização de farinha, peixe e frutas, confeccionam artesanatos, que são vendidos aos visitantes na área e também nas comunidades vizinhas. Confeccionam, sobretudo, colares de sementes e dentes de animais, cuias, conjunto de arcos e flechas, e adornos de cabeça com plumagem.

O Pajé representa a figura mais importante no que diz respeito às práticas voltadas para os conhecimentos indígenas sobre plantas medicinais e no que faz referência ao mundo dos espíritos. Através do ritual do turé³, o pajé consulta entidades ou seres sobrenaturais, conhecidos como *Karuanas*, que ensinam o Pajé como preparar os remédios a partir das plantas medicinais. Esses conhecimentos dizem respeito a quais plantas devem ser utilizadas para determinado mal e como usá-las, bem como quando e onde coletá-las.

4. A ESCOLA INDÍGENA SÃO SEBASTIÃO DO AÇAIZAL

A Escola Indígena Estadual São Sebastião do Açaizal funciona com duas modalidades de ensino, o regime modular e o regular. No regime modular os professores não indígenas vêm da capital Macapá, pelo projeto Sistema Modular de

² O fruto do açaí é manejado de acordo com as técnicas oferecidas pela EMBRAPA, a qual ensina retirar os açaizeiros antigos para dá espaço aos mais novos, pois devido a grande quantidade do açaizal os mais novos não conseguem crescer e dar bons frutos, esse trabalho de manejo do açaí é realizado por toda comunidade de 6 em 6 meses.

³ Conforme aponta Keila Santos, licenciada no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, “De acordo com os estudos levantados pode-se compreender o Turé como o ritual mais sagrado realizado pelos povos indígenas Karipuna, onde a realização do mesmo dá-se para pedir boas colheitas ou saúde para os enfermos, onde o pajé canta a noite toda e os participantes dançam e bebem caxixi em agradecimento aos seus ancestrais e que para a realização do mesmo os instrumentos musicais de sopro são essenciais para alcançar suas preces, e animar a festa.

Ensino Indígena (SOMEI) promovido pela Secretaria Estadual de Educação, realizam suas atividades na escola e em seguida, após o término de cada módulo, retornam a capital. No regime regular funcionam as turmas do ensino fundamental I (1º ao 5º ano), com professores indígenas da própria comunidade, assim sendo, a escola possui dois professores do ensino regular, uma merendeira e um servente que residem na comunidade, os demais pertencem ao SOMEI.

O prédio onde funcionava a escola desabou em meados de 2004/2005 e até o momento não construíram outro prédio, evidenciando o descaso do poder público estadual não somente para com a Educação Escolar Indígena, mas com a educação de modo geral. Sendo assim, os professores são obrigados a ministrar suas aulas no centro comunitário, no *Khabê*⁴ – que fica nas proximidades – e em uma pequena escola, construída pela própria comunidade, onde funciona um anexo da Escola Municipal Neide Forte da Aldeia Indígena Jõdef.

A escola não possui diretor, pois o mesmo abandonou o trabalho e se mudou para outra aldeia, não justificando sua decisão de morar em outra Aldeia para a comunidade local. A pedagoga faz trabalho itinerante, porém no ano de 2017, apareceu apenas uma vez para assessorar os professores e não retornou, ficando para o professor contratado pela Prefeitura de Oiapoque, os funcionários da escola estadual e lideranças comunitárias, tomarem decisões, para o bom funcionamento do estabelecimento de ensino.

Os professores que moram na comunidade são responsáveis por expedir documentos de alunos como: ressalvas, frequência escolar para atender ao Programa Bolsa Família, transferências entre outros. Às lideranças comunitárias juntamente com todos os funcionários da escola, cabe a responsabilidade de cobrar aos dirigentes da esfera municipal e estadual, alimentação escolar, material didático, material de limpeza, material de expediente, estruturas físicas, etc. A escola recebe recurso do Governo Federal via Caixa Escolar, e trabalha em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Oiapoque.

Por ser uma escola indígena, trabalhamos com calendário diferenciado, levando em consideração as normas internas da comunidade e as especificidades culturais, como festas religiosas, colheitas e plantios de roças. Contudo, não deixamos de cumprir os

⁴ Khabê é uma palavra indígena kheoul que significa casa de farinha

200 dias letivos previstos em lei. Atualmente a escola está atendendo 74 alunos, nas modalidades Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II.

5. AS PLANTAS MEDICINAIS E A ESCOLA, UM RELATO

O trabalho foi realizado com 13 alunos⁵ do 5º ano da Escola Indígena Estadual São Sebastião do Açaizal, durante três anos, entre 2013 e 2015. A cada ano uma turma era contemplada com o Projeto, ou seja, os alunos do 5º de 2013 em 2014 avançaram para 6º e foram substituídos pelos alunos que em 2013 estavam no 4º ano. Para a transição entre 2014 e 2015 ocorreu da mesma forma. Nesse trabalho procuramos motivar nos alunos o interesse pelo conhecimento teórico sobre as plantas medicinais. Demonstrando assim que o principal recurso pedagógico dos povos indígenas é a aprendizagem através da prática. Assim, mais que a teoria, buscamos despertar nos jovens indígenas o conhecimento sobre as plantas medicinais através de atividades práticas, que serão relatadas na sequência.

Tivemos como objetivo aprofundar a importância da utilização de plantas medicinais na recuperação e melhoria da saúde das pessoas. A pesquisa foi desenvolvida em 5 etapas: 1) no primeiro momento realizei uma consulta bibliográfica em artigos, revistas, jornais e trabalhos acadêmicos que servisse como referencial teórico para construir o projeto; 2) o segundo momento marca a entrada em sala de aula. Com os alunos, realizamos uma pesquisa onde os mesmos deveriam descrever quais os tipos de plantas medicinais que eles conheciam e dizer para que servia e como se utilizava; 3) Aplicação de questionários semi-estruturado⁶ com perguntas abertas para a comunidade local e tabulação dos dados e resultados 4) construção da horta de plantas medicinais 5) O projeto culminou com a apresentação dos resultados da pesquisa na escola e na comunidade.

Na perspectiva de compreender a utilidade das plantas medicinais na vida da comunidade, buscamos trazer os saberes indígenas para dentro da sala de aula. Primeiramente em 2013 fizemos uma reunião com a comunidade, onde compareceram pais de alunos, responsáveis, alunos e comunidade em geral. Nesse momento foram

⁵ Ressalto que durante esse período do projeto os alunos não foram os mesmos, uma vez que ao concluírem o 5º ano os alunos avançavam de série. Dessa forma, demos continuidade com os alunos que avançaram do 4º para o 5º ano.

⁶ O modelo do questionário aplicado infelizmente foi extraviado, devido a problemas técnicos de informática e pessoais do autor, restando apenas os dados tabulados.

esclarecidas as dúvidas e explicado a importância e a relevância do projeto. A comunidade concordou em contribuir na sua efetivação, pois compreendeu que mesmo tendo o posto de saúde instalado na aldeia, nem sempre o mesmo disponibiliza de medicamentos que atendam as reais necessidades da comunidade. Sabendo também que muitos remédios caseiros, como a comunidade os chama, são bem mais eficazes no combate de algumas doenças do que os remédios oferecidos pelo posto de saúde.

Ainda ano de 2013, a turma do 5º ano, iniciou a construção de uma pequena horta, nomeada pelos alunos de “Farmácia Natural” onde anteriormente, foi realizada uma pesquisa para saber quais plantas medicinais tinham na região e assim pudéssemos montar a horta com pequenas mudas e sementes. Foram plantadas várias espécies de ervas medicinais como: arruda, hortelãzinho, erva cidreira, boldo, babosa, anador, curicaca..etc. A manutenção da horta ficou por conta dos alunos, que divididos em grupos se revejavam para irrigar e limpar a plantação, para que assim se desenvolvesse de forma correta. Os moradores da comunidade também ajudavam, trazendo plantas de locais mais distantes da aldeia quando iam para a roça, caçar ou pescar, contribuindo assim com a diversidade de plantas medicinais.

Em 2014 o projeto teve continuidade pelos alunos do 5º ano que cursaram o 4º no ano anterior. Para dar continuidade, esses alunos tiveram que se apropriar do projeto. Devido o projeto ser algo novo para eles, essa apropriação foi feita por meio de diálogos, apresentando o projeto e sua importância. Esses momentos foram postos em prática nas aulas de ciências. Os alunos mostraram-se motivados a seguir em frente com o mesmo. Considerando a importância dos saberes indígenas no processo de construção de conhecimentos, ampliando assim as possibilidades de garantir a permanência de nossa cultura e ensinamentos, no segundo semestre de 2014 com a ajuda da comunidade e dos alunos inseridos no projeto, catalogamos as plantas e ervas da “Farmácia Natural”, e posteriormente realizamos uma nova pesquisa para saber a finalidade e o uso de cada planta. Como são utilizadas e com que frequência se usa na comunidade?

No início de 2015, semelhante ao ano anterior os alunos do 4º ano (que no ano de 2013 estavam apenas no 3º ano) foram os que seguiram a frente do projeto. Este ano foi o de encerramento do projeto. Como atividade final estava prevista a realização de uma atividade que envolvesse toda a comunidade do Açaizal. A realização dessa atividade contou com os alunos que formaram a turma de 5º ano deste ano letivo, juntamente com os alunos dos anos anteriores – que iniciaram o projeto. Todos eles

organizaram um grande evento na comunidade, para mostrar os resultados de suas pesquisas. Foi montada no Centro Comunitário da aldeia uma Feira com as plantas e produtos da “Farmácia Natural”. Na feira havia nove barracas em que tínhamos uma série de chás, sucos, e outras bebidas feitas com plantas medicinais, além das próprias plantas, sementes e mudas como amostras. Os alunos estavam divididos entre essas nove barracas e ofereciam, aos visitantes, provas dos chás, sucos e bebidas preparados a partir das plantas medicinais, além de explicar para que servia, o modo como devia ser preparado e todo o conhecimento relacionado a cada planta. Consequentemente essas explicações acarretaram na apresentação das suas participações no projeto no qual construiu-se a tabela abaixo:

Tabela 1: Plantas medicinais e seus usos

TIPO DE PLANTA	PARA QUE É UTILIZADA
Peão branco e roxo	Chá do broto combate a diarreia
Algodão branco e roxo	O sumo da folha combate a asma
Elixir paregórico	Chá da folha combate a dor de barriga
Mucuracá	Chá de 7 folhas combate pressão alta
Desinflama	A folha aquecida ao fogo envolvido no azeite de andiroba reduz inchaço e inflamações expostas.
Amor crescido	Chá combate a ameba
Caferana	Chá feito da raiz combate a malária
Cana ficha	Chá da folha reduz dor na coluna vertebral
Quebra pedra	Chá combate pedra na vesícula
Fei ahe	Sumo tirado das folhas serve como desinflamatórios para mulheres com inflamação na vagina
Ficelo	O chá dessa planta serve para evitar gravidez
Dipirona	Chá das folhas combate dores e febre
Sabugueiro	O sumo da casca combate o sarampo
Batata morcego	O chá da batata combate a hemorragia
Cipó de alho	O banho das folhas pela manhã combate gripes
Veronica, Amoera, Ucuba	São importantes desinflamatórios, e o chá dos três juntos combate a diabetes.

Fonte: Roberto Marcelino, 2015.

Um dos momentos mais significantes de aprendizado foi no encerramento das atividades dos alunos, quando demos a palavra à comunidade e aos convidados. Após felicitar os participantes do projeto pela iniciativa, tivemos a apresentação de vários relatos de experiências dos moradores, no qual contavam histórias relacionadas com as plantas medicinais. Os relatos mais esperados pelos alunos e comunidade foram os do

Pajé e das Parteiras que com toda sua sabedoria encantavam nossos alunos e convidados. Destaco aqui a reação de uma das parteiras da comunidade, uma senhora já idosa, que ficou muito emocionada com a participação dos jovens nesse projeto. Em decorrência disso, ela se dispôs a colaborar, na sequência do trabalho, recebendo os alunos para que ela pudesse repassar seus conhecimentos, a fim de que sejam levados adiante e mantidos vivos na comunidade.

A feira foi uma verdadeira troca de saberes entre os educandos, educador e comunidade em geral, valorizando assim o conhecimento indígena. Dessa forma os alunos puderam vivenciar experiências proporcionando um novo olhar a cerca da valorização da cultura e saber dos indígenas da Aldeia Açaizal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação é o conhecimento e observações dos costumes da vida social. A educação escolar são esses conhecimentos repassados de forma sistemática dentro de uma escola ou em institutos regularizados para exercê-los. A Educação Escolar Indígena é a educação voltada para os povos indígenas respeitando suas especificidades culturais, visando preservar seus costumes, crenças e conhecimentos de forma geral.

Assim sendo, a escola indígena ao abordar as questões referentes à cultura de seu povo, instiga os alunos a buscar conceitos e saberes a respeito de sua própria cultura. Contudo há de se considerar a importância dos professores frente a esses ensinamentos. De tal modo, buscou-se fundamentar neste trabalho o uso de plantas medicinais como instrumento de valorização de conhecimentos indígenas, a partir de suas informações teóricas e práticas, com a possibilidade de inserção das contribuições do uso das plantas medicinais na escola, como proposta inovadora de regaste de conhecimentos empíricos dos membros da comunidade, promovendo o respeito à diversidade da sabedoria repassada de geração a geração.

Dessa forma, a abordagem da temática sobre as plantas medicinais como instrumento de valorização de conhecimentos indígenas desenvolvido na escola São Sebastião do Açaizal revelou a possibilidade da escola ser um *locus* permanente de construção da cultura e da cidadania, mostrando a força que a mesma tem em formar cidadãos preocupados em manter suas identidades. A inserção do projeto sobre as plantas medicinais na escola pode significar o reconhecimento da mesma frente à comunidade. Logo a comunidade torna-se participativa com seus saberes e a escola inclusiva, processando em seu interior a relação família-escola-comunidade.

As plantas medicinais são aquelas que ajudam na cura ou tratamento de várias doenças e vem sendo utilizadas ao longo da história dos povos indígenas. A ideia de trazer esses conhecimentos para dentro da sala de aula fez não somente os alunos, mas toda a comunidade da Aldeia Açaizal refletir sobre a importância da valorização da cultura indígena. Perceber quão ricos e valiosos são os saberes que nosso povo detém, e que muitas das vezes vão sendo esquecidos ou trocados pela cultura do não índio. Aos alunos conhecer e trocar experiências a respeito dos saberes de suas famílias sobre as plantas medicinais fez surgir um recorte de geração após geração, da própria medicina indígena, uma vez que esses conhecimentos são repassados de pai para filhos e vão se

transformando de acordo com as técnicas utilizadas em cada período histórico de suas vidas, valorizando e enriquecendo assim a sua própria cultura.

O uso e a prática desses saberes contribuem para a reafirmação de nossa cultura e identidade como indígenas, considerando o papel de professores e alunos em uma escola pensada para nossos costumes, crenças e valores; é repensar toda nossa importância como indígena, é perpetuar a organização social da aldeia, é saber conviver com a natureza, retirando apenas o que nos é de fato necessário para nossa sobrevivência. A Escola Indígena carrega consigo uma grande importância no sentido de reaviver à difusão os saberes dos povos da floresta. Desenvolver tal projeto fez com que eu pudesse repensar a escola como um lugar que propicia a troca de conhecimentos e a forma de atingirmos grandes multiplicadores de nossas ações.

7. REFERENCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena. PARECER CNE Nº 14/99 – CEB – Aprovado em 14.9.99.

_____. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS. Keila dos. Flautas e Apitos Karipuna: da confecção ao uso ritual. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Amapá, 2017.